

volume

30/2

jul/2025

ICH - UFPel

# História em revista

revista do núcleo de documentação histórica

História e Literatura: diálogos e reflexões

*Ast. A primeira d'adem... especialidades em doces... para casamentos, baptipara casamentos, baptisudos e banquetes. E' a unica depositaria da ufanica depositaria da ufamanda Guarana Espumamanda Guarana Espumante e do excellent chocolate e do excellent... Lacta, fabricados em Lacta, fabricados... S. Paulo pelos Srs. ZUS, Paulo pelos S... nolta Loureiro & Companhia Loureiro... A Companhia Brasileira de Condensado... Ast. A primeira d'adem... especialidades em doces... para casamentos, baptipara casamentos, baptisudos e banquetes. E' a unica depositaria da ufanica depositaria da ufamanda Guarana Espumamanda Guarana Espumante e do excellent chocolate e do excellent... Lacta, fabricados em Lacta, fabricados... S. Paulo pelos Srs. ZUS, Paulo pelos S... nolta Loureiro & Companhia Loureiro... A Companhia Brasileira de Condensado...*



Hist. Rev. Pelotas Número 30/2 p.1-148 jul. 2025

ISSN 2596-2876





Obra publicada pela  
Universidade Federal de  
Pelotas

## Reitoria

**Reitora:** *Ursula Rosa da Silva*

**Vice-Reitor:** *Eraldo dos Santos Pinheiro*

**Chefe de Gabinete:** *Renata Vieira Rodrigues Severo*

**Coordenação de Assuntos Estratégicos:**  
*Marco Aurélio Romeu Fernandes*

**Coordenação de Assuntos Institucionais:**  
*Daniel Bruno Momoli*

**Assessores do Gabinete da Vice-Reitoria:**  
*Gustavo Dias Ferreira, Jocasta Soares dos Santos*

**Pró-Reitor de Ensino:** *Antônio Maurício Medeiros Alves*

**Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação:**  
*Marcos Britto Corrêa*

**Pró-Reitor de Extensão e Cultura:** *Fábio Garcia Lima*

**Pró-Reitora de Assuntos Estudantis:** *Josy Dias Anacleto*

**Pró-Reitora de Planejamento e Administração:** *Aline Ribeiro Paliga*

**Pró-Reitora de Gestão de Pessoas:** *Taís Ulrich Fonseca*

**Pró-Reitora de Ações Afirmativas e Equidade:** *Claudia Daiane Garcia Molet*

**Superintendência de Gestão de Tecnologia da Informação e Comunicação:** *Christiano Martino Otero Avila*

**Superintendência de Inovação e Desenvolvimento Interinstitucional:** *Vinicius Farias Campos*

**Superintendência do Campus Capão do Leão:** *José Rafael Bordin*

**Superintendência de Gestão Administrativa:**  
*Mariana ScharDOSim TAVARES*

**Superintendência de Infraestrutura:** *Everton Bonow*

**Superintendência do Hospital Escola:** *Tiago Viéiras Collares*

## Editora UFPel – Conselho Editorial

**Presidente do Conselho Editorial:** *Ana da Rosa Bandeira*

## Representantes das Ciências

**Agrárias:** *Sandra Mara da Encarnação Fiala Rechsteiner (TITULAR)*

**Representantes da Área das Ciências Exatas e da Terra:** *Eder João*

*Lenardão (TITULAR), Daniela Hartwig de Oliveira e Aline Joana Rolina Wohlmut Alves dos Santos*

**Representantes da Área das Ciências Biológicas:** *Rosangela Ferreira*

*Rodrigues (TITULAR), Francieli Moro Stefanello e Marla Piumbini Rocha*

**Representantes da Área das Engenharias:** *Reginaldo da Nóbrega*

*TAVARES (TITULAR), Cláudio Martin Pereira de Pereira e Jairo Valões de Alencar Ramalho*

**Representantes da Área das Ciências da Saúde:** *Fernanda Capella Rugno (TITULAR),*

*Jucimara Baldissarelli e Zayanna Christina Lopes Lindoso*

**Representantes da Área das Ciências Sociais Aplicadas:** *Daniel Lena Marchiori*

*Neto (TITULAR), Bruno Rotta Almeida e Marislei da Silveira Ribeiro*

**Representantes da Área das Ciências Humanas:** *Charles Pereira*

*Pennaforte (TITULAR), Silvana Schimanski e William Daldegan de Freitas*

**Representantes da Área das Linguagens e Artes:** *Chris de Azevedo*

*Ramil (TITULAR), Daniel Soares Duarte e Luís Fernando Hering Coelho*

## Instituto de Ciências Humanas

**Diretor:** Prof. Dr. Sebastião Peres

**Vice-Diretora:** Profa. Dra. Andréa Lacerda Bachettini

**Núcleo de Documentação História da UFPel – Profa. Beatriz Loner**

**Coordenadora:**

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

**Membros do NDH:**

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Prof. Dr. Jonas Moreira Vargas

Prof. Dra. Márcia Janet Espig

**Técnico Administrativo:**

Cláudia Daiane Garcia Molet – Técnica em Assuntos Educacionais

Paulo Luiz Crizel Koschier – Auxiliar em Administração

*História em Revista* – Publicação do Núcleo de Documentação Histórica – Prof<sup>a</sup>. Beatriz Loner

*Comissão Editorial:*

Prof<sup>a</sup> Dra. Lorena Almeida Gill  
Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Eliane Cristina Deckmann Fleck  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Márcia Janete Espig  
Prof. Dr. Jornas Vargas  
Paulo Luiz Crizel Koschier

*Conselho Editorial:*

Prof<sup>a</sup>. Dra. Alexandrine de La Taille-Trétinville U.,  
Universidad de los Andes, Santiago, Chile  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Ana Carolina Carvalho Viotti (UNESP -  
Marília)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)  
Prof. Dr. Benito Bisso Schmidt (UFRGS)  
Prof. Dr. Carlos Augusto de Castro Bastos (UFPA)  
Prof. Dr. Claudio Henrique de Moraes Batalha  
(UNICAMP)  
Prof. Dr. Deivy Ferreira Carneiro (UFU)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Gisele Porto Sanglard (FIOCRUZ)  
Prof. Dr. Jean Luiz Neves Abreu (Universidade Federal  
de Uberlândia)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Joana Maria Pedro (UFSC)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Joana Balsa de Pinho, Universidade de Lisboa  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Karina Ines Ramacciotti,  
(UBA/CONICET/Universidad de Quilmes)  
Prof<sup>a</sup>. Ms. Larissa Patron Chaves (UFPel)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Antónia Lopes (Universidade de  
Coimbra)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria de Deus Beites Manso (Universidade de  
Évora)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Marta Lobo de Araújo (Universidade  
do Minho)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. María Silvia Di Liscia (Universidad Nacional  
de La Pampa – AR)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. María Soledad Zárate (Universidad Alberto  
Hurtado – Chile)  
Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)  
Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos  
Aires).  
Prof. Dr. Robson Laverdi (UEPG)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Tânia Salgado Pimenta (FIOCRUZ)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Tatiana Silva de Lima (UFPE)  
Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)  
Prof. Dr. Tiago Luis Gil (UNB)  
Prof. Tommaso Detti (Università Degli Studi di Siena)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Yonissa Marmitt Wadi (UNIOESTE)

*Editora:* Lorena Almeida Gill

*Editores do Volume:* Dra. Daniele Gallindo (UFPel); Dra.  
Lua Gill da Cruz (PUC-RJ); Dra. Pilar Lago e Sousa  
(UFG)

*Edição e Capa:* Paulo Luiz Crizel Koschier

*Imagem da capa:* Canudos. Registro dos prisioneiros do  
arraial, no interior da Bahia, em 1897. Foto: Flavio de  
Barros/Museu da República.

*Pareceristas ad hoc:* Ana Rüsche (Unb); Camila Carvalho  
(UFMG); Felipe Ribeiro (UFPE); Gabriel Fernandes de  
Miranda (UEPA); João Ourique (UFPel); Letícia Cristina  
Alcântara Rodrigues (UFG); Maria Carolina Casati  
Digiampietri (Usp); Mauro Gabriel Moraes da Fonseca  
(UFJF); Nima Spigolon (Unicamp); Paulo Possamai  
(UFPel); Pedro Gabriel Torres de Assis (UFOP); Rodrigo  
Águeda Bandeira Cardoso (UFF); Rodrigo de Freitas  
Faqueri (IFSP); Stephen Basdeo (Elizabeth School of  
London); Suzana Vasconcelos (Universität Tübingen);  
Thiago Magela (UNEMAT); Valeria Ignácio (PUC-SP);  
Vinicius Rangel Bertho da Silva (PUC-SP); Virgínea  
Novack Santos da Rocha (PUC-RS).

*Editora e Gráfica Universitária*

Rua Benjamin Constant 1071 – Pelotas, RS  
Fone: (53) 98115-2011

*Edição:* 2025/2

ISSN – 2596-2876

*Indexada pelas bases de dados:* Worldcat Online Computer  
Library Center | Latindex | Livre: Revistas de Livre  
Acesso | International Standard Serial Number |  
Worldcat | Wizdom.ai | Zeitschriften Datenbank

**UFPel/NDH/Instituto de Ciências Humanas**

Rua Cel. Alberto Rosa, 154 - Pelotas/RS - CEP: 96010-  
770

Fone: (53) 3284 3208 - <http://wp.ufpel.edu.br/ndh/>  
*e-mail:* [historiaemrevista@ufpel.edu.br](mailto:historiaemrevista@ufpel.edu.br)



Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional  
Simone Godinho Maisonave – CRB 10/1733  
Biblioteca de Ciências Sociais – UFPel

H673 História em Revista [recurso eletrônico] : (Dossiê : História e  
Literatura : Diálogos e Reflexões) / Núcleo de Documentação  
Histórica da UFPel – Profa. Beatriz Loner, v.30, n.2, jul. 2025. –  
Pelotas: UFPel/NDH,  
2025 –  
148 p. ; 1,6 MB

Semestral

e-ISSN: 2596-2876

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader

Disponível em:

<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/HistRev/index>

1. História – Periódico 2. Literatura 3. Fontes

CDD: 907

---

Os textos contidos neste volume são de responsabilidade exclusiva de seus respectivos autores. Salvo informação explícita em contrário, o(a)s autor(a) (es) respondem pelas informações textuais e imagéticas contidas no presente volume. O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada artigo é de inteira e exclusiva responsabilidade dos mesmos.



## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> PRESENTATION <i>Daniele Gallindo</i> <i>Lua Gill da Cruz</i> <i>Pilar Lago e Sousa</i>	<b>07</b>
<b>CRÔNICAS MACHADIANAS: AS CRÔNICAS LITERÁRIAS COMO FONTES HISTÓRICAS</b> MACHADO DE ASSIS'S CHRONICLES: LITERARY CHRONICLES AS HISTORICAL SOURCES <i>Claudia Teixeira Façanha</i> <i>Lucia de Souza Teixeira Costa</i>	<b>10</b>
<b>POSSÍVEIS DIÁLOGOS ENTRE A HISTÓRIA E A LITERATURA</b> POSSIBLE DIALOGUES BETWEEN HISTORY AND LITERATURE <i>Derocina Alves Campos Sosa</i>	<b>34</b>
<b>INTERSECÇÕES BRASIL-ÂNGOLA: UMA ANÁLISE DO ROMANCE <i>SOMBRAS DE REIS BARBUDOS</i>, DE JOSÉ J. VEIGA, À LUZ DO CONTO "GAVIÃO VEIO DO SUL E PUM!", DE BOAVENTURA CARDOSO</b> BRAZIL-ANGOLA INTERSECTIONS: AN ANALYSIS OF THE NOVEL <i>SOMBRAS DE REIS BARBUDOS</i> , BY JOSÉ J. VEIGA, IN LIGHT OF THE SHORT STORY "GAVIÃO VEIO DO SUL E PUM!", BY BOAVENTURA CARDOSO <i>Júlio César Kohler Damasceno Baron</i> <i>Rogério Max Canedo</i>	<b>47</b>
<b>FIGURAÇÃO DA HISTÓRIA E DA IDENTIDADE NACIONAL EM <i>A ESTRANHA NAÇÃO DE RAFAEL MENDES</i>, DE MOACYR SCLiar</b> FIGURATION OF HISTORY AND NATIONAL IDENTITY IN <i>A ESTRANHA NAÇÃO DE RAFAEL MENDES</i> , BY MOACYR SCLiar <i>Luiz Felipe Voss Spinelli</i>	<b>62</b>
<b>ENTRE PÁGINAS E CICATRIZES: A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM <i>O PESO DO PÁSSARO MORTO</i> E NO COTIDIANO BRASILEIRO</b> BETWEEN PAGES AND SCARS: VIOLENCE AGAINST WOMEN IN <i>THE WEIGHT OF THE DEAD BIRD</i> AND IN EVERYDAY LIFE IN BRAZIL <i>Lucas Matheus Araujo Bicalho</i> <i>Luís Fernando de Souza Alves</i> <i>Mauricio Alves de Souza Pereira</i>	<b>76</b>
<b>PRIVACIDADE EM PRÁTICAS DE ESCRITA FEMININA NA INGLATERRA DO SÉCULO XVIII: O DIÁRIO E AS CARTAS DE FRANCES BURNEY</b> PRIVACY IN FEMALE WRITING PRACTICES IN 18TH-CENTURY ENGLAND: THE DIARY AND LETTERS OF FRANCES BURNEY <i>Maria Vitória Dias Collares</i> <i>Adriano Diniz Comissoli</i>	<b>92</b>

**A CONSTRUÇÃO DO PIRATA DA ERA MODERNA: INTERAÇÕES ENTRE  
HISTÓRIA, LITERATURA E O IMAGINÁRIO COLETIVO**  
THE CONSTRUCTION OF THE MODERN ERA PIRATE: INTERACTIONS BETWEEN  
HISTORY, LITERATURE, AND THE COLLECTIVE IMAGINATION  
*Andre Luiz Melo Tinoco Nogueira* **113**

**MARGUERITE DURAS SOB O FEITIÇO DE JULES MICHELET: O PENSAMENTO  
DO HISTORIADOR NA POÉTICA DURASIANA**  
MARGUERITE DURAS UNDER THE SPELL OF JULES MICHELET: THE HISTORIAN'S  
THOUGHT IN DURASIAN POETICS  
*Rafaela Faria Vianna* **132**

# A CONSTRUÇÃO DO PIRATA DA ERA MODERNA: INTERAÇÕES ENTRE HISTÓRIA, LITERATURA E O IMAGINÁRIO COLETIVO

THE CONSTRUCTION OF THE MODERN ERA PIRATE: INTERACTIONS BETWEEN HISTORY, LITERATURE, AND THE COLLECTIVE IMAGINATION

Andre Luiz Melo Tinoco Nogueira<sup>1</sup>

## Introdução

Podemos usar a franquia de filmes “Piratas do Caribe<sup>2</sup>”, como um dos vários exemplos de mídias contemporâneas onde se retratam os piratas da Era Moderna, como personagens complexos que são movidos por suas próprias agendas e desejos, ao invés de simplesmente serem vilões unidimensionais. Os filmes em questão também exploram temas como colonialismo, imperialismo e dinâmicas de poder, enquanto mostram os protagonistas sendo os piratas que lutam em sua jornada contra forças opressivas, como a Marinha Britânica. Esses exemplos em específico se apegam à imagem comum associada aos piratas, que ao longo de um longo período de construção, foram relacionados à resistência ao poder colonial, por exemplo, particularmente os do contexto do Caribe durante os séculos XVII e XVIII. Como o historiador Marcus Rediker observa ao falar que: “a pirataria era uma espécie de contra colonialismo, um violento desafio às estruturas da autoridade imperial e aos códigos morais

**Resumo:** Nossa pesquisa investiga a construção histórica e literária da imagem do pirata moderno, analisando como produções culturais dos séculos XVIII e XIX moldaram estereótipos que persistem no imaginário popular contemporâneo. A partir da interseção entre História e Literatura, discutimos a romantização dos piratas como figuras de resistência, liberdade e rebeldia, contrastando com a realidade violenta de suas práticas. Obras como *A General History of the Pyrates* e *A Ilha do Tesouro* são exemplos no contexto da formação dos arquétipos clássicos do pirata — como o aventureiro anti-herói — e de sua consolidação na cultura de massa. O estudo também aborda o papel da mídia moderna na perpetuação desses símbolos, enfatizando o processo de transição da figura histórica para o mito literário. Ao refletir sobre as representações literárias e culturais, buscamos compreender como se construiu uma memória coletiva que oscila entre a celebração e a vilanização do pirata.

**Palavras-chave:** História cultural; Literatura e História; Pirataria; Imaginário; Estereótipos.

**Abstract:** Our research investigates the historical and literary construction of the modern pirate image, analyzing how cultural productions from the eighteenth and nineteenth centuries shaped stereotypes that persist in the contemporary popular imagination. Through the intersection of History and Literature, we discuss the romanticization of pirates as figures of resistance, freedom, and rebellion, contrasting it with the violent realities of their practices. Works such as *A General History of the Pyrates* and *Treasure Island* serve as examples within the context of the formation of classic pirate archetypes — such as the adventurous anti-hero — and their consolidation in mass culture. The study also addresses the role of modern media in perpetuating these symbols, emphasizing the process of transition from historical figure to literary myth. By reflecting on literary and cultural representations, we seek to understand how a collective memory oscillating between the celebration and vilification of the pirate has been constructed.

**Keywords:** Cultural History; Literature and History; Piracy; Imaginary; Stereotypes.

<sup>1</sup>Doutor em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Doutorando em Filosofia pelo Programa de Pós Graduação em Filosofia da UFRJ. E-mail: andrelmtn@hotmail.com

<sup>2</sup>Franquia de filmes do segmento fantasia/aventura, baseada em brinquedos do parque temático Disney World. O primeiro filme foi lançado em 2003, intitulado “Piratas do Caribe: a maldição do Perola Negra”, pela Walt Disney Pictures e dirigido por Gore Verbinski. Ao todo o filme teve mais quatro continuações, e diversas outras produções paralelas inspiradas nos filmes.

que os legitimavam" (2004, p. 07).

As representações que se criam desses piratas podem, portanto, serem de reflexos de desafios a relações de poder colonial, bem como questões mais amplas de soberania, autonomia e resistência, ou até mesmo se debruçar no escopo das atividades criminais em si. Peter Leeson (2011) ousou ainda denominar determinadas relações observadas na estrutura das atividades piratas, em dado momento que as tripulações piratas eram, "democracias" de pequena escala que usavam os princípios do livre mercado para organizar seus próprios negócios e maximizar os lucros.

No geral observamos então, que as representações de piratas podem se cruzar com uma variedade de narrativas culturais e históricas, refletindo e desafiando questões mais amplas de poder, resistência, economia e cultura. Ao analisar essas interseções podemos obter uma compreensão mais profunda das maneiras pelas quais os piratas moldaram e foram moldados pelas sociedades em que emergem e as maneiras pelas quais continuam a ressoar na sociedade contemporânea.

Diversas foram e continuam sendo as formas de se transpor a realidade histórica do protagonismo dos piratas durante sua proeminência na Idade Moderna, para mídias literárias e visuais. Muitas vezes interpretado como vilão, outras como anti-herói ou até mesmo mocinho, buscamos aqui, entender os primeiros contornos dados à essa clássica imagem da personagem. Partimos principalmente do olhar das produções literárias, que pensamos ser o ponto de construção principal para a construção de um imaginário comum do que caracterizamos popularmente como um pirata.

As publicações do final do século XVIII e início do século XIX tinham um escopo maior de impacto para a leitura e crítica das obras desse período do que foi anteriormente conhecido. Essas literaturas e produções históricas, compreendem uma vasta gama de obras revolucionárias e contrarrevolucionárias escritas durante o período político e social revolta coincidindo com a Revolução Francesa, as guerras que se seguiram e suas consequências (Kolkey, 2014, p. 09).

A ênfase de Michel Foucault na análise das estruturas de poder e no conhecimento pode nos ajudar a entender as maneiras pelas quais as representações dos piratas são moldadas pelas estruturas de poder social e político. Por exemplo, podemos analisar como as representações de piratas reforçam ou desafiam as normas sociais dominantes e as relações de poder em: "o poder não é uma instituição, nem uma estrutura; tampouco é certa força de que somos dotados; é o nome que se atribui a uma situação estratégica complexa em uma sociedade particular" (2016, p. 93).

Pierre Bourdieu (1993) remonta ao nascimento do romantismo europeu, um campo de produção cultural dividido por:

a oposição entre o subcampo da produção restrita e o subcampo da produção em larga escala produção ... e em segundo lugar, a oposição, dentro do subcampo de restrições produção entre a vanguarda consagrada e a ampla disponibilidade de materiais impressos ajudou a popularizar as histórias de pirataria e tornou a imagem do pirata familiar para as pessoas em todo o mundo vanguarda. (1993, p.53)



Entendemos tal como Susanne Dirksen (2019) comenta, que um referido romantismo do banditismo nas representações da mídia está ligado à sua ambivalência na percepção de maldade ou alguém que simboliza certos valores, como revolução contra opressores, busca de liberdade e saída da vida tradicional imposta pela sociedade. Assim, a mentalidade de fora-da-lei não é apenas reconhecível nas histórias de piratas, mas ela também ressoa na mídia visual recente, retratando uma vasta gama de períodos históricos. Durante o Iluminismo, os piratas às vezes eram retratados como rebeldes que se opunham à tirania da classe dominante, o que ajudou a alimentar o fascínio popular pelo pirata como símbolo de liberdade e resistência (Woordar, 2008). A pirataria poderia representar em determinadas interpretações, uma forma de rebelião contra a autoridade, que atraía aqueles que estavam insatisfeitos com o *status quo*.

Os retratos ressignificados de piratas ajudaram a criar uma sensação de emoção e admiração, capturando a imaginação dos leitores e inspirando-os a sonhar com uma vida de aventura em alto mar. Outro fator de atração é o sentimento de exotismo presente na figura dos piratas modernos, que eram frequentemente descritos como vivendo fora da sociedade, existindo em um mundo sem lei e perigoso que estava longe da vida cotidiana da maioria das pessoas. Essa sensação de alteridade fazia com que os piratas parecessem misteriosos e fascinantes para os leitores, que ficavam intrigados com seus estilos de vida e costumes não convencionais.

Dirksen (2019) percebeu, que figura do herói e do anti-herói na literatura moderna evoluiu significativamente ao longo do tempo, onde na literatura tradicional o herói é frequentemente retratado como um personagem nobre e virtuoso que personifica os valores e ideais da sociedade. O anti-herói, por outro lado, é tipicamente retratado como um personagem imperfeito e não convencional que desafia as normas e expectativas da sociedade. Na literatura moderna, no entanto, as linhas entre herói e anti-herói tornaram-se cada vez mais tênues. Muitos heróis modernos são falhos e complexos, com conflitos internos e dúvidas que os tornam mais compreensíveis para os leitores. Ao mesmo tempo, muitos anti-heróis modernos são simpáticos e até heroicos à sua maneira, apesar de suas falhas e comportamento não convencional.

Os protagonistas modernos de grandes obras, incorporam qualidades heroicas tradicionais, como coragem, abnegação e compromisso com a justiça, mas também têm suas próprias lutas e imperfeições. Em contraste, anti-heróis modernos são muitas vezes moralmente ambíguos, mas trabalhados em sua construção como personagens complexos e multidimensionais que acabam por buscar atrair a simpatia e compreensão dos espectadores pelas suas motivações.

Podemos notar que a popularidade dessa temática de confronto e revolta, tem se manifestado principalmente nas últimas décadas, e intensificado as produções em canais fechados e *streamings*, principalmente a partir de 2000, com o crescimento e popularização da internet e serviços diversos de produção e divulgação de mídia. Séries que continuam em alta e de grande popularidade como *Peaky Blinders* (2013-), *Vikings* (2013-), *Narcos* (2015-2017), *Sons of Anarchy* (2008-2014), *Boardwalk Empire* (2010-2014) e *Crossbones* (2013-2014) não só indicam o apelo intrigante da ilegalidade e da violência inspirado por diferentes tempos históricos na tela, mas também a maneira pelas quais as perspectivas desses personagens são tratadas e idealizadas.

Temos na obra de Robert Louis Stevenson talvez, um dos exemplos mais reconhecíveis da figura característica que o dito anti-herói assume na literatura, com seu famoso Long John Silver em *A Ilha do Tesouro* (2020). Long John Silver é construído como um pirata carismático e astuto que acaba por atuar como o principal antagonista do romance do século XIX, no entanto, a personagem criada por Stevenson adquire facetas complexas e até multidimensionais, como parecer ter um aguçado senso de autopreservação e se modelar moralmente através de seu próprio código de honra. Apesar de suas atividades criminosas, Long John Silver é frequentemente visto como um personagem simpático, e seu relacionamento com o protagonista do romance, Jim Hawkins, é complexo e repleto de tensão.

Outro exemplo do pirata como anti-herói é o personagem do Capitão Jack Sparrow da série de filmes já citada por nós “Piratas do Caribe”, construído como um pirata extravagante e excêntrico que costuma entrar em conflito com a lei e outros piratas. Ele é conhecido por sua inteligência, astúcia e vontade de quebrar as regras a seu favor. Embora as ações do capitão Jack sejam muitas vezes moralmente duvidosas, ele também demonstra ter um senso de honra e lealdade para com sua tripulação e com seu próprio código pessoal.

Em ambos os exemplos o pirata é retratado como um personagem complexo e multidimensional, com uma mistura de qualidades admiráveis e imperfeitas. Embora não sejam heróis tradicionais, muitas vezes são vistos como anti-heróis, rebeldes contra as ordens estabelecidas e até mesmo como protagonistas por direito próprio.

As qualidades anti-heroicas da figura do pirata fizeram deles uma presença duradoura na literatura e na cultura popular, particularmente nos últimos anos, quando o público se tornou mais receptivo a personagens complexos e moralmente ambíguos (Hill, 2016). O pirata representa um desafio à ordem estabelecida e sua vontade de desrespeitar as normas e convenções sociais os torna ameaçadores e atraentes para o público.

### **Interseção entre História e Literatura**

Para compreendermos melhor as análises de obras contemporâneas que transpõem a figura do pirata para novos consumidores, precisamos aqui comentar sobre o processo de como se inicia essa produção de um imaginário que iria compor o senso comum das pessoas por séculos, chegando até os dias de hoje. Neste momento abordaremos brevemente então, como a História e Literatura, em suas produções a partir da Era Moderna e posteriores, contribuíram para o fomento da imagem do pirata característico midiático como conhecemos, criando os padrões que o fizeram ganhar suas marcas de observação e estereótipos no senso comum.

É importante salientar tanto o que entendemos por História quanto o que entendemos por Literatura se altera ao longo do tempo. Ambos são termos que constroem seus significados na relação com uma série de práticas e usos carregados de uma historicidade própria. Quando falamos da Literatura tal como a entendemos hoje, falamos da ideia de literatura que surge a partir do século XIX, ligada, para alguns, à noção de modernidade, como coloca Barthes:

[...]foi na segunda metade do século XIX, num dos períodos mais desolados da infelicidade capitalista, que a literatura encontrou, pelo menos para nós, franceses, com Mallarmé, sua figura exata, a modernidade—nossa modernidade, que então começa —pode ser definida por esse fato novo, nela se concebem utopias de linguagem (2007, p. 23).

Acreditamos ser importante traçar alguns pontos da discussão sobre a interseção e uso como fonte entre as produções do ramo da Literatura e da História para nosso propósito. A pesquisadora Ivana Borges Barcelos (2016) comenta que em meados do século XVIII, a narrativa acerca da vida de piratas não era assunto tratado como principal ponto de interesse nas abordagens da produção histórica da época, mas sim objeto de interesse de pesquisadores e escritores que buscavam fazer relatos das vidas dos piratas, cujo intuito era, possivelmente e com teor panfletário, enfatizar questões relacionadas à criminalidade de seus atos, relacionando-os, por sua vez, à índole dos indivíduos que os praticaram, tornando-os personagens em aventuras e contos. Neste momento, a preocupação dos que faziam História na época, por volta dos séculos XVIII e XIX, estava mais ligada à história dos grandes homens ligados à estrutura de Estado, como de reis e rainhas.

Observamos na leitura de Hayden White, que para ele as técnicas usadas na literatura continuaram na construção da História ainda no século XIX, onde segundo ele, é possível encontrar um historiador científico, adotando um discurso equivalente, pois segundo ele era “impossível escrever história sem recorrer às técnicas do orador e do poeta” (2014, p. 141). Valemo-nos também de Jacques Revel, que fala sobre o nascimento da História como disciplina acadêmica:

Em 1876 foi publicada em Paris a primeira edição da *Revue Historique*. O nascimento do periódico é comumente visto como um marco inaugural. A história era, a partir daquele momento, definida como uma disciplina profissional com requerimentos metodológicos mais precisos e dotados de explícita cientificidade, com formas de treinamento codificadas e específicas e um forte sentido de comunidade acadêmica. (2012 apud Costa, 2016, p. 70)

Ao nos debruçarmos na questão dos debates e desafios dos usos da Literatura e História, temos que ter em mente que esta é uma discussão contemporânea, assim, historiadores como o já citado Hayden White julgaram e defenderam ser uma real possibilidade a da utilização de relatos literários em pesquisas e análises para suporte de contextos históricos. O que White conceituou de literatura do fato, serviria de demonstrativo para existência de uma proximidade de objetivos tanto para os historiadores quanto para escritores, onde muitas vezes tais discursos se assemelham ou sobrepõem.

Toda história tem seu mito; e, se existem modos ficcionais diferentes baseados em arquétipos míticos identificáveis diferentes, há também modos historiográficos diferentes — formas diferentes de ordenar hipoteticamente os “fatos” contidos na crônica dos

---

eventos que ocorrem numa situação específica de tempo e espaço, de tal modo que os eventos, no mesmo conjunto, são capazes de funcionar diferentemente a fim de delinear com clareza sentidos diferentes – morais, cognitivos ou estéticos – em matrizes ficcionais diferentes. (White, 2014, p. 142)

Muitos historiadores do século XIX levaram à risca a oposição entre o “real” e o “ficcional”, na tentativa de desvincular a história da perspectiva subjetiva, porém, como argumenta White, muitos historiadores da época:

[...] não compreendiam que, quando se trata de lidar com fatos passados, a consideração básica para aquele que tenta representá-los fielmente são as noções que ele leva às suas representações das maneiras pelas quais as partes se relacionam com o todo que elas abrangem. Não compreendiam que os fatos não falam por si mesmos, mas que o historiador fala por eles, fala em nome deles, e molda os fragmentos do passado num todo cuja integridade é puramente discursiva. Os romancistas podiam lidar apenas com eventos imaginários enquanto os historiadores se ocupavam dos reais, mas o processo de fundir os eventos, fossem imaginários ou reais, numa totalidade compreensível capaz de servir de objeto de uma representação é um processo poético. (White, 2014, p.141 *apud* Rios, 2016, p.206)

No entanto, muitos e necessários pontos de distinção entre História e Literatura como campos singulares, devem ser observados para que nunca ocorra uma sobreposição ou mesmo uma fusão de disciplinas. Assim também como destaca Loyd Kramer em *‘Literatura, crítica e imaginação histórica: o desafio literário de Hayden White e Dominick LaCapra’*:

A história não pode, por certo, simplesmente competir com a ficção, pois os historiadores devem lidar com o que de fato aconteceu no passado. De acordo com White e LaCapra, porém, a representação contemporânea desse passado pode e deve transpor as fronteiras metodológicas que nossos antepassados positivistas legaram à profissão histórica. (1995, p. 145)

Em determinado momento a historiografia moderna passa a distinguir-se da tradicional pelo diálogo com as ciências sociais e pela aspiração à cientificidade, e assim ela se distancia da literatura, considerada uma espécie de gênero até meados do século XIX. No modelo de pesquisa instaurado pela História enquanto ciência priorizou-se a análise de informações, associada a acontecimentos ou fatos históricos, quase invariavelmente acessíveis a partir de documentos (Fantinato, 2017). Dominick LaCapra se coloca em tensão com a predominância do uso do texto literário como documento com função referencial, ou seja, como fonte na qual é possível desvelar algum fato do passado ou observar a representação da vida social, suas características ou temas pertinentes:

Dominick LaCapra chamou esse paradigma historiográfico de “documental”, e sobre ele comenta: “O romance em si torna-se pouco mais do que evidência ‘literária’ questionável, e um

interesse pela literatura (ou filosofia) que vai além dos limites estritamente documentais é um sinal revelador de que não se está realmente fazendo história.” (1985, p. 115).

A pesquisadora Ivana Borges Barcelos (2016) nos demonstrou que em meados do século XVIII a narrativa acerca da vida de piratas não era assunto tratado por aqueles que faziam História na época, mas sim objeto de interesse de pesquisadores e escritores que buscavam fazer relatos das vidas dos piratas, cujo intuito era muitas vezes, enfatizar questões relacionadas à criminalidade de seus atos, relacionando-os, por sua vez à índole dos indivíduos que os praticaram, para produzir conteúdos atrativos ou panfletários. Em outra posição estava a preocupação de “historiadores” da época, na produção de uma história ligada à grandes homens e estruturas do Estado, e representação de status e estabelecimento de poder.

Sendo o imaginário social forma de representação do mundo, ele se legitima pela crença e não pela autenticidade ou comprovação. Podemos assim perceber que a literatura como fonte cumpre seu papel primordial que é fornecer elementos substanciais na construção de uma versão da verdade dos fatos.

Ao falar de representação, tal conceito passa então a ser essencial para entendermos essa aproximação os campos abordados por nós, pois, a literatura pertence a esse campo das representações e cabe ao historiador reinterpretar o encontro entre os mundos dos textos e dos leitores, e como os leitores incorporam e se apropriam de diferentes formas dos textos em momentos históricos distintos. Como afirma Chartier, os leitores, “com efeito, não se confrontam com textos abstratos, separados da materialidade: manejam objetos cujas organizações comandam a leitura, sua apreensão e compreensão partindo do texto lido” (1991, p. 178).

Para Roger Chartier, as representações são forjadas por diversos grupos e variados interesses, existindo a possibilidade de compreender e interpretar as muitas representações acerca de alguns quadros do mundo social, e então “Identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (1990, p.17).

É o regime em que as semelhanças são submetidas à tríplice obrigação que vimos: um modelo de visibilidade da palavra que organiza ao mesmo tempo certa contenção do visível; uma regulação das relações entre efeitos de saber e efeito de páthos, comandada pelo primado da “ação”, que identifica o poema ou o quadro a uma história; um regime de racionalidade próprio à ficção, que subtrai seus atos de palavra aos critérios normais de autenticidade e utilidade das palavras e das imagens para submetê-los a critérios intrínsecos de verossimilhança e conveniência. Essa separação entre a razão das ficções e a razão dos fatos empíricos é um dos elementos essenciais do regime representativo.

### **Fomentação de um imaginário sobre o pirata moderno**

Autores de relatos históricos e ficção popular por exemplo, muitas vezes caracterizam a cultura pirata como uma utopia democrática e de caráter revolucionário, onde os capitães eram eleitos e a tripulação tinha voz igual nos planos, e recebia um pagamento justo de acordo com a



posição de cada membro, uma cultura que atrai muitos marinheiros que vivem sob as regras estritas de seu comércio.

Charles Johnson escreveu que a patente de capitão de um navio pirata foi "obtida pelo sufrágio da maioria", e em outro relato que os piratas "escolheram um capitão entre eles" (2003, p. 53). Tais referências historicamente comprovadas ou não, como no caso desta referida seleção democrática de comandantes, acabam por levantar duas suposições gerais de tal fenômeno: em primeiro lugar, que a eleição de oficiais piratas era sim uma rotina da realidade pirata, talvez até uma prática universal dentro dessas embarcações, e, em segundo lugar, que qualquer pessoa dentro da embarcação poderia ser considerada um candidato nas circunstâncias certas (Rediker, 2004, p. 78).

Essa eleição para capitão poderia a qualquer momento ser ignorada se assim fosse o desejo da maioria, podendo ser destituído do cargo e sofrer castigos ou a própria execução. Assim, a posição de capitão era distinta da de um médico, mestre de armas, navegador ou cozinheiro, em que poucos possuíam os saberes específicos para a função, podendo então o capitão ser facilmente substituído por aquele com maior afinidade do grupo (Fox, 2013, p.108).

Embora existam evidências para sugerir tal sociedade, os piratas também eram por muitas vezes retratados apenas como ladrões do mar, livre e violentamente tirando a propriedade e a vida de outras pessoas para sustentar a sua própria. Quer fossem corsários, agindo em apoio a seus governos de origem, ou piratas do início do século XVIII, se rebelando contra esses governos, as informações históricas podem fornecer muita verdade sobre as motivações, comportamentos e vidas fantásticas desses homens e mulheres. No que diz respeito a fontes, porém, há um problema, pois cartas e jornais escritos na perspectiva desses homens são praticamente inexistentes, tanto do que se sabe sobre suas vidas vem das memórias e depoimentos de piratas já capturados ou de documentos judiciais sobre os condenados por pirataria (Page, 2014).

A própria dinâmica da vida cotidiana do pirata é marcada por mudanças em suas descrições no que diz respeito à realidade e à ficção. David Cordingly (1992) sugere que, embora os piratas certamente participassem de atividades consideradas altamente inadequadas, as rotinas a bordo do navio tendiam a ser muito organizadas, em nada diferente dos navios mercantes. Cooperação e disciplina na execução de atividades como estabelecer vigilância, sondagens e manter o navio reparado, eram exigidas de todas as tripulações para garantir sua própria segurança. A vida diária de um pirata, no entanto, era consideravelmente mais fácil do que a de um comerciante, já que este último lutava com as pressões de proprietários exigentes, a necessidade de uma viagem rápida e menos homens para fazer o trabalho.

Muitas obras trataram de vislumbrar o lado cruel e maléfico das atividades piratas, sendo talvez o mais próximo de uma realidade histórica no que se diz respeito às atividades consideradas crimes por diversos períodos históricos, outras leituras do pirata já buscam um tom aventureiro e atrativo, focando no carisma do anti-herói para construir afeição por seus personagens.

A pesquisadora Ivana Barcelos (2016) comenta que quando estamos tratando aqui do regime

estético, chamando atenção para essas mudanças no âmbito da Literatura e da História, estamos falando não apenas de um momento histórico no qual ocorreu o que Rancière chama de “revolução estética” a partir de meados do século XVIII, mas também de uma ruptura nos modos de percepção e identificação das diferentes expressões da arte. Rancière nos diz que:

“A arte existe apenas na medida em que é enquadrada por regimes de identificação que nos permitem conferir especificidade às suas práticas e associá-las a diferentes modos de percepção e afecto e a diferentes padrões de inteligibilidade” (2012, p.92).

O autor e jornalista inglês que consciente ou não fomentou tal abordagem narrativa atrativa, foi Daniel Defoe, que alguns associam ao pseudônimo Capitão Charles Johnson, a qual a controvérsia iremos abordar, que ao longo do século XVIII, escreveu uma série de contos e panfletos sobre pirataria, além de outros livros que entraram nos clássicos mundiais, como a obra de aventura *Robson Crusoe* de 1719. Em seus textos, principalmente a obra *A General History of the Pirates*, e similar a outra obra assinada por Capitão Charles Johnson, não poupava o leitor de demonstrar seus personagens (piratas reais, porém com feitos exagerados muitas vezes), como estupradores, torturadores e assassinos em busca de seus objetivos e tesouros.

Porém, ao mesmo tempo em que a narrativa mostrava atos claros de ações criminosas, acabou por criar, conscientemente ou não, um fascínio e até um ar místico a algumas de suas interpretações de piratas reais causando uma atração ao leitor, ainda que provavelmente o objetivo fosse causar repulsa ao público alvo. Em diversos momentos da obra são destacadas as infâmias dos piratas biografados, suas covardias e traições, porém, estes momentos da narrativa acabam não causando tanto impacto no leitor quanto os momentos épicos, especialmente, os confrontos navais, que ajudaram a construir um imaginário que demonstrava a astúcia, engenhosidade, estratégias, artimanhas, toda a sorte de elementos de sobrevivências desses personagens históricos.

Em uma edição brasileira de 2004, o tradutor comenta que:

Tanto em 1700, quanto em 2003, esse tipo de texto “dá leitura” (no jargão jornalístico), com sua linguagem folhetinesca contando casos mirabolantes de proezas e malvadezas de piratas medonhos. São detalhes de cenas brutais e sangrentas de assassinatos, roubos, traições, paixões, mulheres piratas, extravagâncias, sexo, perversões, violência – todos os ingredientes do “thriller” e do jornalismo popular sensacionalista, que continuam rendosos nichos do mercado editorial do Ocidente (Johnson, 2004, p.08).

---

<sup>3</sup>O famoso livro originalmente foi publicado com o longo título de “A Vida e as Estranhas Aventuras Surpreendentes de Robinson Crusoe, de York, Marinheiro: Que viveu Oito e Vinte Anos, completamente sozinho em uma Ilha desabitada na Costa da América, perto da Foz do Grande Rio de Oroonoke; tendo sido lançado na costa por naufrágio, onde todos os homens pereceram, exceto ele. Com uma conta como ele foi finalmente tão estranhamente entregue por piratas”

A possível interpretação de uma narrativa focada nos malfeitos de tais personagens, para nós, passa pelo momento onde após o Tratado de Utrecht<sup>4</sup> e a hegemonia da soberania inglesa nos mares, garantida através da exclusividade comercial que mantinha sobre um dos principais e mais lucrativos negócios do período, os piratas se viram privados das licenças que possuíam para saquear nos mares próximos ao continente americano.

Aqueles que até então serviram aos objetivos ingleses, principalmente na época Elizabetana, já não se faziam mais necessários como aliados as necessidades do Estado, como haviam sido antes, assim como também estarem mais fortalecidos e equipados para trilhar motivações próprias. Com o início da perseguição e progressão do fim da chamada Era de Ouro da Pirataria, a Coroa Inglesa precisava criar no imaginário popular um sentimento de aversão a tais personagens.

O pesquisador Nicassio Martins Costa em sua análise sobre a imagem negativa que se buscava construir do pirata para a sociedade, comenta:

Porém, a dificuldade se encontrava nas memórias dessa população, construídas através de histórias heroicas de séculos passados naquele país, histórias de um período em que piratas haviam sido heróis nacionais, tratados como cavaleiros da coroa pela própria Rainha Elizabeth. As memórias produzidas sobre homens como Francis Drake e Richard Hawkins influenciaram sem dúvida a escrita de Daniel Defoe e fizeram com que seus textos tomassem um rumo exagerado e pitoresco. Para franceses e, principalmente, para espanhóis, não era necessária mais que uma nota em um jornal de grande circulação, esclarecendo que estava aberta naquele momento uma *temporada de caça* aos piratas. Um alívio geral seria deflagrado e a aceitação seria imediata. Em se tratando de ingleses, a situação não se desenhava dessa forma (Costa, 2016.p73).

Todas essas questões corroboram o defendido por Roger Chartier: “(...), o ato de ler não pode anular-se no próprio texto, assim como as significações não podem também ser aniquiladas mediante significados impostos” (1991, p235).

Como comentado, diretamente ou não, os textos produzidos por Defoe ao enunciar situações que difamam as condutas dos piratas, talvez pela sua narração construída, acabou por caminhar no sentido contrário e, ao descrever os “malvados” piratas, acabou por ressaltar características que soam como furor aos leitores, como sagacidade, coragem, ambição e até brutalidade, tornando-os atraentes ao público.

Posteriormente outros autores adicionaram outras dimensões à figura dos piratas, principalmente no século XIX. Eles temperam suas histórias com os elementos até hoje em dia se tornaram marcas que mais associamos aos piratas, mas que piratas históricos nunca, ou quase nunca, incorporaram em seu *modus operandi*: saques enterrados, mapas do tesouro e piratas

---

<sup>4</sup> O Tratado de Utrecht, assinado em 1713, é uma série de acordos que encerraram a Guerra da Sucessão Espanhola (1701-1714), um conflito que envolveu grande parte das potências europeias. A guerra foi desencadeada pela disputa sobre quem deveria suceder o trono espanhol após a morte de Carlos II, o último monarca da dinastia Habsburgo na Espanha, que morreu sem herdeiros.

amaldiçoados fantasmagóricos que guardam os despojos escondidos. Já no século XX, os autores acrescentaram uma nova dimensão aos piratas, o status de vítima, aqueles que o destino forçou à pirataria. Esses personagens, com motivações sociais diferentes dos clássicos contraventores descritos em épocas anteriores, muitas vezes cavalheiros educados, infringiram a lei e ganharam riquezas, mas em um limiar moralizante que os distinguiam dos “vilões”.

Um dos autores que iria ser responsável por esta imagem de pirata circunstancial ou criminoso de ocasião, foi o escritor inglês Rafael Sabatini com a obra *Captain Blood: his Odyssey* de 1922, que ganhou algumas sequências e foi transposto para os cinemas em 1935 em uma obra homônima. No romance, que se passa no plano de fundo histórico real, da virada dos séculos XVIII e XIX, seus personagens mantinham um código de honra, antes não vinculado aos piratas, e o autor que racionalizou a discrepância entre o capitão heroico e o monstro depravado, como piratas amaldiçoados fantasmagóricos que guardam os despojos escondidos.

O protagonista Peter Blood, um cirurgião irlandês, desafiou a lei para ajudar um rebelde mortalmente ferido e, embora nunca tenha pegado em armas contra o poder do Estado, a corte o condenou como traidor e o condenou a ser transportado como escravo para uma colônia inglesa. Descrito como:

alto e magro moreno como um cigano, com olhos que eram surpreendentemente azuis naquele rosto escuro e sob aquelas sobrancelhas pretas. Em seu olhar, aqueles olhos, ladeando um nariz de ponte alta e intrépida, eram de singular penetração e de uma altivez firme que combinava bem com seus lábios firmes (Sabatini, 2022).

O personagem é construído dentro de características típicas do herói romântico, é um cavalheiro, leal com seus amigos, educado com seus prisioneiros e respeitoso com as mulheres. Ele é um espadachim e marinheiro experiente, embora não seja mencionado na obra onde adquiriu essas habilidades específicas, mas seus homens confiam em suas decisões e nunca questionam suas ordens. Assim, podemos constatar que a literatura como fonte, acaba por cumprir um papel de suma importância na investigação, sendo o testemunho histórico um documento oficial ou não, traz uma gama de significações para serem entrelaçadas e estudadas em sua relação com o contexto histórico proposto. A Literatura assim acaba por contribuir para fornecer elementos substanciais na construção de uma representação histórica dos fatos (Martins; Cainelli, 2015).

Retornando nossa atenção ao momento de construção das características que viriam a configurar o imaginário do pirata moderno, no período de produções no século XIX, quando falamos sobre os romances produzidos nesse período, queremos assim afirmar, que foram tais escritores ficcionais, os inegáveis produtores dos mais variados estereótipos que prevalecem até os dias de hoje sobre a imagem do pirata moderno, em suas representações que acabaram por difundir e enraizar a linha que divide o real do ficcional acerca de tais personagens.

Já as formas de apropriação e representação dos elementos da leitura contribuem para explicar como pensamentos ou imagens se transformam conforme a realidade ou o momento em que são expostos. Segundo Chartier:

(...), a noção de representação pode ser construída a partir das acepções antigas. Ela é um dos conceitos mais importantes utilizados pelos homens do Antigo Regime, quando pretendem compreender o funcionamento da sua sociedade ou definir as operações intelectuais que lhes permitem apreender o mundo. Há aí uma primeira e boa razão para fazer dessa noção a pedra angular de uma abordagem em nível da História cultural (1990, p.23)

A representação construída dessa época conhecida como a Era de Ouro da Pirataria é um tópico glorificado na cultura popular, com as vidas e aventuras de piratas reais como Barba Negra, Henry Morgan e Capitão Kidd, romantizadas na literatura e na tela, muitas vezes confundindo os limites entre fato e ficção. A própria concepção de Era de Ouro da Pirataria pode-se complexar, pois revela muito mais um termo para evidenciar as taxas de atuação pirata e crimes de violência praticados pelos mesmos, do que na abundância de fontes que explicitam o momento. No entanto, uma segunda explicação possível para o termo também pode estar atrelado ao fato que se origina do volume de material contemporâneo que se produziu posteriormente sobre o período, embora de fontes ligadas à produção literária principalmente, pois fontes históricas fidedignas são escassas (Evans, 2014).

Tanto em clássicos como *The Buccaneers of America*, de Alexander Exquemelin, muitas vezes creditado como John Exquemelin, pirata real de nacionalidade desconhecida que virou escritor no século XVII, e a já citada *A General History of the Pyrates*, de Defoe, em meados do século XVIII, autores e historiadores têm escrito sobre esses homens intrigantes e indisciplinados que operavam fora do sistema jurídico. O livro de Defoe por exemplo, é considerado um dos difusores da visão aventureira clássica que se tem dos piratas caribenhos, popularizada através de diversos veículos culturais de massa.

A imagem estética e referencial desse pirata particular, foi se construindo ao longo das obras produzidas ainda ao longo da Idade Moderna, como em *Piratas e corsários do Caribe* de Jennifer Marx que temos, por exemplo, uma construção de imaginário de um tipo de pirata com o qual muitos estão familiarizados:

Sua pele cheia de cicatrizes é de mogno curtido pelo sol. Ele se vangloria pelo convés em... elegância proeminente roubada à ponta de uma espada ... Um aro balança em uma orelha ... Bêbado ou sóbrio, seu olhar parece fixo em um horizonte invisível ... Do topo de seu tricórnio chapéu até a ponta das botas o clássico pirata, com seu par de pistolas, machado de embarque, cutelo e sabre. (Marx, 1991 p. 187 *apud* Evans, 2014, p.05)

Entre as características comumente referidas à imagem do senso comum do pirata, podemos perceber o tapa-olho, ou ter uma perna de pau, ou um gancho em vez da mão; eles também podem ter um papagaio empoleirado em seu ombro, sendo a sua maioria convertida em uma espécie de padrão, essas mais caricatas aparecem devido a popularização da literatura fantástica sobre o



período, principalmente com a obra *A Ilha do Tesouro*, de Stevenson, que falaremos mais à frente.

Outro fator comumente comentado ao trazer narrativas e descrições ficcionais ou não, acerca desses personagens, é sua dedicação quase absoluta por caças aos tesouros e acúmulo e obtenção fanática por ouro, onde temos no exemplo:

Seu amor por pedaços de oito 5 só se compara ao amor pelo rum, uma bebida que consomem antes de mandar seus pobres cativos caminharem na prancha. Esses piratas também podem enterrar seu tesouro em uma ilha deserta isolada, com apenas um 'x' em um mapa para marcar sua localização. Eles podem gritar 'Yo, ho, ho' ou 'macacos me mordam', ou simplesmente 'Arrgh'. Eles podem ser arrojados ou horríveis, às vezes são cômicos, mas geralmente são heroicos, ousados e emocionantes (Stevenson, 2020, p. 95).

A familiarização que temos com essas características descritas se dá, por terem ao longo dos anos se tornado clássicos simbolismos visuais identificados no imaginário do pirata. Porém, não são totalmente condizentes com a realidade, não sendo bons indicadores da realidade da vida cotidiana de um pirata moderno, nem que possivelmente o ajudariam a sobreviver no ambiente hostil dos mares (Page, 2014).

Como já observamos, a interseção gerada pela natureza literária produzida na era moderna e o fazer História, acaba por constituir uma imagem no senso comum, do pirata baseado em mitos e exageros de ação, mesclados com atividades reais e oficialmente descrita. David Cordingly tece comentários sobre o exagero das ações dos piratas retratadas pelas mídias, onde:

A maioria das pessoas assume que os piratas fizeram suas vítimas andarem na prancha porque esse é o destino que o Capitão Gancho planejava para os Garotos Perdidos, mas os verdadeiros piratas não tinham tempo para tais cerimônias. Os marinheiros que resistiram a um ataque pirata foram esquarterados até a morte e jogados de lado. A pilhagem típica não foi de baús cheios de dobrões e peças de oito, mas alguns fardos de seda, algodão, barris de tabaco, cabos de ancora, peças sobressalentes, ferramentas de carpinteiro e meia dúzia de escravos negros (2006, p. 11).

Como outros personagens proscritos nas histórias populares, o pirata é uma figura altamente idealizada, no sentido de que grande parte de sua vida é inventada e feita para parecer melhor em comparação com seus congêneres históricos, mas isso não é estranho, considerando a já mencionada escassez de dados históricos confiáveis e fontes (Dirken, 2019). Em vez disso, o personagem é definido pela forma como é construído por meio de imagens populares recorrentes,

---

<sup>5</sup>Pedaços de oito são moedas históricas de dólar espanhol cunhadas nas Américas do final do século XV ao século XIX. Os "doblón de a ocho" (em espanhol, que significa "dobrão de oito") era uma moeda grande, normalmente feita de prata ou ouro, que tinha um valor alto, equivalente a oito escudos espanhóis. Eles estavam em circulação quase mundial no final do século 19 e eram moeda legal nos Estados Unidos até 1857. A moeda de um dólar podia ser cortada fisicamente em oito pedaços, ou "bits", para fazer mudança - daí o nome coloquial "pedaços de oito." edaços de oito são associados há muito tempo aos piratas, porque eram um alvo comum já que grandes quantidades eram regularmente enviadas das colônias americanas para a Espanha.

e é também por isso que, ao pensar no termo pirata, tendemos a visualizar um tipo particular, apenas baseado em piratas da Era de Ouro Moderna.

Susanne Dirken (2019) comenta que em muitas de suas construções na literatura, mais do que apenas um fora da lei, o pirata é visto como um tipo especial de criminoso que ganhou o *status* de “inimigo de toda a humanidade”, tornando-o um "arquétipo" particularmente útil para a criação de histórias fantásticas e aventuras nas construções literárias. Essa particular construção da imagem do pirata como vilão ou anti-herói acontece em momentos diversos nas produções midiáticas. David Cordingly corrobora nossa visão de que o século XIX teve um grande impacto na mudança da “percepção pública dos piratas”, na qual sua ameaça anterior diminuiu e seu status romântico avançou.

Obras literárias como o poema de Lord Byron *The Corsair: A Tale* (1814), *O Conde de Monte Cristo*, de Alexandre Dumas (1844), *A Ilha do Tesouro* de Robert Louis Stevenson (1883), *Contos de Piratas* de Sir Arthur Conan Doyle (1922), foram majoritariamente influentes na idealização da imagem do pirata popular, em uma construção que se inicia como produto do século XIX, como já comentamos, mas ganha um processo gradativo que se estende contemporaneamente.

Porém, até os dias de hoje, ainda há quem prefira reproduzir uma imagem de vilania e percepções negativas ao personagem, e figuras clássicas da pirataria em diversas obras têm seus feitos exagerados pela literatura, suas ações acentuadas para o lado fantasioso e até mesmo em alguns momentos, um viés amedrontador.

A escritora Shellery Klein (2007) em sua obra *Os piratas mais perversos da história*, comenta sobre uma passagem vista no romance de 1950 de Mervyn Peake, *O Castelo de Gormenghast*, onde o jovem narrador sonha com piratas "altos como torres":

grandes sobranceiras projetavam-se sobre seus olhos fundos, como conchas de rochas salientes. Em suas orelhas havia argolas de ouro vermelho, e em suas bocas punhais afiados. Da escuridão escarlate de onde emergiam ...a água na altura da cintura e borbulhando com a luz quente refletida de seus corpos ... E eles continuavam a chegar, até só haver espaço para a cabeça em chamas do principal bucaneiro, um grande senhor da água salgada, com cada centímetro do rosto marcado e escoriado como o joelho de um menino, os dentes esculpidos nas formas de crânios, e a garganta circundada pela tatuagem de uma cobra escamada (Klein, 2007, p. 11-12).

Essa imagem extraordinária do pirata não poderia corresponder com nenhum da vida real, mas a descrição que o autor faz ilustra o fascínio que os piratas despertavam na imaginação do público alvo dos contos e histórias. Nesse aspecto, escritores como os já mencionados Defoe, Johnson e Alexander Olivier Exquemelin, muito contribuíram para a exaltação da imagem do pirata. Esses dois autores, principalmente Exquemelin, que vivenciou ativamente a era dos bucaneiros, concentraram-se no cotidiano dos piratas, sem nos reservar de comentar sobre seus malfeitos, em vez de em qualquer outro aspecto de suas vidas, possivelmente em uma tentativa de tornar mais atrativo ao público o interesse pelo lado sombrio e vilanesco dos piratas modernos.

Por exemplo, a descrição do pirata Barba Negra, feita na publicação de autoria do Capitão Charles Johnson, Phillip Goose (1988) comenta que foi o que garantiu o lugar do malfeitor na história, embora vários autores desde então tenham indicado que, em comparação com piratas como Bartholomew Roberts, que durante sua carreira capturou mais de quatrocentos navios, a pirataria do Barba Negra beira a insignificância. Sobre o chamado Capitão Charles Johnson (2003) propriamente dito, temos sua obra moderna, descritiva sobre os piratas, que é a mais retomada por historiadores e autores de ficção para a análise da figura do pirata, a obra: *Uma história geral de roubos...*, que comentaremos sobre a controvérsia de sua autoria e fontes de pesquisa ainda neste capítulo.

O historiador inglês Sir William Clowes, estudou por anos a natureza da Marinha Britânica ao longo dos séculos da proliferação da atividade pirata. Sobre os mesmos, ele nos diz que:

Os piratas da Barbária, no entanto, mesmo causando um incômodo, não eram os únicos de seu tipo, nem tampouco eram um obstáculo tão sério para o comércio quanto foram no século dezessete. Isso se deu, como já foi mencionado, parcialmente por causa da constante vigilância sobre seus movimentos. Uma espécie mais formidável de pirataria, a pirataria de romance, floresceu na costa das colônias espanholas do Caribe e se espalhou por alto mar. [...] Mas por mais que a pirataria no Ocidente fosse uma fonte crescente de ansiedade, o grosso de seus expoentes restringiam suas atenções com algum rigor a bandeiras estrangeiras e, alguns deles, notavelmente Sir Henry Morgan, comparados não desfavoravelmente aos gentlemen aventureiros da era Elisabetana. Kidd, como já foi mostrado, foi decididamente uma exceção; Avery foi outra, assim como Edward Thatch, comumente chamado Teach, ou, mais comumente ainda, por sua aparência, “Barba Negra” (Clowes, 1997, p. 259).

O exagero na realidade e a construção da aura fantástica pela literatura, também foi ilustrada por Howard Pyle em seu *Book of Pirates* (1921), no qual o pirata Capitão Kidd é visto de pé sobre uma arca de tesouro na ilha de Gardiner, enquanto um de seus piratas cava um buraco para enterrar suas fortunas. Os registros históricos e arqueológicos oficiais, no entanto, levaram durante muito tempo os historiadores a concluir que a existência de tal tesouro apenas era parte do mito que cercou esses homens dos séculos XVII a XIX, mas atualmente há uma controvérsia em andamento sobre a possível localização do tesouro<sup>6</sup>.

Na verdade, enterrar tesouros era prática pouco comum na atividade pirata, pois a preferência após as pilhagens era de dividir o conquistado entre a tripulação e normalmente gastar em:

vinhos e mulheres, que sugavam suas riquezas a tal ponto que, em pouco tempo, alguns deles ficavam reduzidos à mendicância. Sabe-se que gastavam 2 mil ou 3 mil moedas de prata em uma noite; e um deles deu quinhentas dessas moedas a uma prostituta para vê-la nua. Costumavam comprar um barril de vinho, colocá-lo na rua e obrigar todos que

---

<sup>6</sup>Sobre esta questão, em 2015 mergulhadores afirmaram ter encontrado nas águas de Madagascar, na África, o suposto tesouro de um famoso pirata escocês, William Kidd. Uma barra de 50kg de prata foi trazida para a superfície e recebida pelo presidente de Madagascar e diplomatas do Reino Unido e dos Estados Unidos.

---

passavam a beber (Leslie, 1740 *apud* Klein, 2007).

A comentada obra de Charles Johnson, no século XVIII, se caracteriza por uma narrativa bastante direcionada à reconstituição da vida de figuras famosas do universo de piratas que povoaram os mares, principalmente caribenhos, durante os séculos XVII e XVIII.

### Considerações Finais

Observamos que a pirataria segue sendo um tema complexo de grande recorrência, sendo estudado e analisado à luz de diferentes momentos e olhares ao longo da História. A história da pirataria revela a existência de diferentes grupos e motivações ao longo do tempo, podendo ser compreendida por diferentes abordagens em relação suas práticas e atividades em relação às instituições políticas e esfera social a que se proliferam, variando de acordo com o local de ação e a época analisada. Entendemos que a literatura moderna e a mídia desempenharam um papel significativo na criação e perpetuação de estereótipos do pirata, que são muitas vezes diferentes de sua realidade histórica.

Percebemos assim, que mudanças oriundas da chamada globalização ou da própria evolução dos tempos tem atuado sobre a forma que podemos interpretar determinadas ações, criando uma gama complexa percepções e de possibilidades ao trato da figura do pirata.

Vimos que a imagem do pirata moderno, por exemplo, muitas vezes foi e é associada a uma construção de persona em anti-herói carismático e romântico que desafia o sistema, enquanto a realidade, pode ser observada em ações consideradas muito mais violentas e menos glamourosas. Quando os historiadores, principalmente a partir do século XX impulsionados pelos debates acerca da necessidade da introdução de novas perspectivas para a historiografia, começam a voltar seus olhares para as histórias das pessoas comuns, os piratas passam a ter espaço em suas produções acadêmicas. Na busca por escrever as histórias desses sujeitos, esses historiadores esbarraram na dificuldade de mobilizar fontes confiáveis, saindo do trato comum de fontes oficiais produzidas por instituições e órgãos ligados diretamente aos interesses políticos específicos.

Por mais que haja e seja importante o trato dos documentos oficiais, como julgamentos e cartas, eles pouco ou nada revelavam sobre o modo de vida dessas pessoas. Para que pudessem ter acesso ao modo de vida dos piratas, os historiadores do século XX acabam voltando seus olhos para o livro de Charles Johnson, como uma fonte de suma importância, mesmo que limitado e problemático de se trabalhar metodologicamente. Ele não podia ser classificado nem como Literatura, nem como História, fazendo com que os historiadores o utilizassem de modos diversos: alguns preocupados em “depurar” as verdades da ficção, sobre as histórias dos mesmos; outros explorando essas histórias, inclusive em sua ficcionalidade, para melhor tecer seus argumentos.

Podemos concluir que ao longo do tempo, a imagem do pirata tem sido influenciada por diferentes contextos culturais e históricos. Na literatura do século XVIII, por exemplo, os piratas eram frequentemente retratados como bandidos brutais e selvagens, representando uma ameaça à ordem social e ao comércio marítimo. Já no século XIX, com a publicação de obras como *A Ilha*

*do Tesouro*, de Robert Louis Stevenson, o pirata começou a ser retratado como personagem exótico, carismático e com facetas profundas, que desafia as convenções sociais e luta pela justiça (mesmo que em uma visão própria do conceito). No século XX, a imagem do pirata continuou a evoluir, influenciada por uma variedade de fatores, incluindo a crescente importância da cultura de massa e da mídia eletrônica.

Se, por um lado, as representações são forjadas por grupos específicos, normalmente dominantes, por outro, as práticas de leitura não são passivas. Assim, apesar da tentativa da Coroa inglesa de denegrir a imagem dos piratas através de *A General History of the Pyrates*, de Daniel Defoe, este propósito não foi alcançado. Os leitores agiram sobre o livro, produzindo resultados diferentes dos almejados pelo autor, e, no caso desta obra, atuaram também como autores, agindo sobre o que Defoe escreveu e contribuindo, desta forma, para a construção de estereótipo dos piratas caribenhos.

Esta imagem criada involuntariamente por Daniel Defoe se difundiu e se aperfeiçoou a partir do século XIX, momento em que os piratas do Caribe já haviam deixado de existir quase que por completo. No geral, a figura do herói e do anti-herói na literatura moderna reflete uma compreensão mais sutil e complexa da natureza humana e do mundo em que vivemos.

Dessa forma, a figura do pirata, tal como circula hoje, não é apenas um legado de eventos históricos, mas o resultado de um processo contínuo de ressignificação cultural. Compreender essa construção nos permite refletir sobre os mecanismos através dos quais a história se transforma em mito, revelando mais sobre as sociedades que reinterpretam essas figuras do que sobre os próprios sujeitos históricos.

## Referências

BARCELOS, Ivana Borges. **História, Literatura e cinema: um debate sobre a historicidade das imagens dos piratas e da pirataria.** Universidade Federal de Uberlândia, 2016.

BARTHES, Roland. **Aula.** 14<sup>o</sup>ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **The Field of Cultural Production.** Columbia: Columbia UP, 1993.

CHARTIER, R. **O mundo como representação.** Estudos Avançados, 11 (5), 1991.

\_\_\_\_\_. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações.** Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Difel, 1990.

CLOWES, William Laird. **The Royal Navy: A History from the Early Times to the Present.** Chatham Publishing, 1997.

CORDINGLY, D. **Under the Black Flag, the romance and the reality of life among the pirates.** New York: Random House Trade, 2006.

CORDINGLY, David. FALCONER, John. **Pirates Fact and Fiction.** Collins and Brown, 1992.

COSTA, Nicássio Martins da. **Navegando em águas perigosas: a abordagem literária e a construção de estereótipos dos piratas caribenhos dos Setecentos.** Universidade do vale do



rio dos sinos, 2016.

DEFOE, Daniel. **Uma História dos Piratas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

\_\_\_\_\_. **A General History of the Pyrates**. Edited by Manuel Schonhorn. Dover, 1999.

DIRKSEN, Susanne. **Constructing the identity of the popular pirate**. Utrecht University, Cultural History Of Modern Europe, 2019.

EXQUEMELIM, John. **The Buccaneers of America**. Wilder Publications, 2008.

\_\_\_\_\_. **The Buccaneers of America**, NY:Dover Publications, 2000

\_\_\_\_\_. **Bucaneiros da América**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2007.

FANTINATO, Manuela. **Literatura e história: um diálogo possível** IPOTESI, JUIZ DE FORA, v.21, n.2, p.12-19, jul./dez. 2017.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: Uma arqueologia das Ciências Humanas**. Martins Fontes, 2016.

FOX, Edward Theophilus. **Piratical Schemes and Contracts: Pirate Articles and their Society, 1660-1730**. University of Exeter, 2013.

HILL, K. **Pirate Narratives: The Myth, Culture and Ideology of the Pirate Story**. McFarland.2016.

JOHNSON, Charles. **A General History of the Robberies and Murders of the Most Notorious Pyrates**, Conway Maritime, 2002.

\_\_\_\_\_. **Uma história geral dos roubos e crimes de piratas famosos: a política interna, a disciplina de bordo, as façanhas e aventuras de criminosos célebres da era de ouro da pirataria (1717-1724)**. Tradução de E.SanMartin.PortoAlegre: Artes de Ofícios 2003.

\_\_\_\_\_. **A General History of the Robberies and Murders of the Most Notorious Pirates**. Lyons Press edition, 1998.

KLEIN, Shelley; **Os piratas mais perversos da história**. Sao paulo, editora planeta do brasil, 2007.

KOLKEY, Jason Isaac, **Pirates of Romanticism: Intellectual Property Ideology and the Birth of British**. 2014.

LACAPRA, Dominick. **History and Criticism**. Ithaca: Cornell University Press, 1985.

LEESON, Peter. **The Invisible Hook: The Hidden Economics of Pirates**. Princeton University Press 2011.

MARTINS, Giovana Maria Carvalho; CAINELLI, Marlene Rosa. **O uso de literatura como fonte histórica e a a relação entre literatura e história**.VII Congresso internacional de História. Outubro 2015.

MARX, Jennifer, **Pirates and Privateers**,orbit book 1991 p. 187. in EVANS, Dean David **The radical and alternative society of the golden age pirate – myth or reality?** Manchester Metropolitan University.2014.

MOLLOY, C. **The Social Construction of the Pirate:** An Analysis of Popular Cultural Depictions of Pirates. *Journal of Popular Culture*, 2015.

PAGE, Courtney E. **Going on the account:** examining golden age pirates as a distinct cultura through artifact patterning. East Carolina University. 2014.

REDIKER, Marcus. **villains of all nations:** Atlantic Pirates in the Golden Age. Boston: Beacon Press, 2004.

STEVENSON, Robert. L. **A Ilha do Tesouro.** Trad. Marco Guimarães e Sônia M. M. Verderese. Curitiba: Hemus, 2014.

WHITE, H. **Trópicos do Discurso:** Ensaios sobre a crítica da cultura; trad. Alípio Correia de Franca Neto 2<sup>a</sup> ed. São Paulo; Edusp, 2001.

WOODARD, Colin. **The Republic of Pirates:** Being the True and Surprising Story of the Caribbean Pirates and the Man Who Brought Them Down, Harvest Books ,2008.